

Uma trajetória africanista renovadora e crítica: diálogos com Ferran Iniesta*

*Luciana Regina Pomari***

*Angelo Priori****

*Zeus Moreno Romero*****

Apresentação

A entrevista a seguir foi realizada, em língua portuguesa, com o Professor Doutor Ferran Iniesta, no dia 29 de abril de 2013. Ferran Iniesta foi membro do Grupo de Estudos sobre as Sociedades Africanas e professor do Departamento de História da América e África da Universidade de Barcelona. Os dois entrevistadores conheceram Ferran Iniesta por caminhos e formas diferentes. Luciana Regina Pomari, já como pesquisadora, ao enveredar pelos estudos africanos; e Zeus Moreno Romero teve o privilégio na graduação, na Universidade de Barcelona, ser aluno dele. Dois percursos diferentes: um da obra ao homem e o outro do homem à obra.

O professor Mestre Zeus Moreno Romero cursou a disciplina “Introdução à História da África” durante a graduação na *Universitat de Barcelona*, tendo, portanto, o privilégio de escutar as explicações diretamente do próprio Ferran Iniesta. Se nos deixássemos levar pela imaginação (aquela que todo historiador deve ter), durante as aulas do professor Iniesta, é fácil se transportar diretamente para África. A voz, a cadência da fala, a sua forma de explicar fazem com que o aluno imagine estar numa roda em

* Entrevista recebida em 10/10/2015. Aprovada em 28/10/2015.

** Doutora em História pela Unesp com pós-doutorado na Universidade de Barcelona. Professora da Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavai/PR, Brasil. E-mail: lr.pomari@uol.com.br

*** Professor do PPGH da UEM, Maringá/PR, Brasil. E-mail: angelopriori@uem.br

**** Licenciado em História pela Universitat de Barcelona, Catalunya. Mestre e Doutorando em História pela UEM, Maringá/PR, Brasil. E-mail: zeus1980bcn@hotmail.com

torno do fogo escutando um *Griot* africano explicar as histórias do seu povo. Como professor, Ferran Iniesta é um grande profissional, que demonstra ter uma grande erudição e domínio sobre a África negra, além de ter um grande carisma. Ele é uma pessoa apaixonada pela África que sabe transmitir essa paixão para os alunos, além de ser uma pessoa muito próxima e disposta a ajudar qualquer estudante. A experiência de vida do Professor Iniesta resulta ser uma fonte inacabável de histórias reais e vivenciadas, que ajudam na compreensão de um mundo distante da nossa sociedade ocidental.

Para Luciana Pomari, a aproximação com o pensamento de Iniesta começou pela leitura de sua vasta e instigante obra historiográfica sobre história da África que apontava para um caráter não eurocêntrico. Outro ponto que chama atenção em suas obras é uma metodologia capaz de dar um arcabouço para uma história cultural e intelectual da África e dos africanos, pois a narrativa de Iniesta, tanto responde como encoraja perguntas sobre o pensamento tradicional africano, ou, como podemos entender a filosofia da história em relação ao pensamento tradicional africano?: “um sistema de reflexão auxiliar de outras ciências sociais com igual vocação analítica e separatista. Por este motivo, não desejamos falar de “filosofia africana” ou uma “filosofia ameríndia”, por mais que os nacionalistas modernos destes países reivindiquem por motivos igualitários o termo “filosofia”. Muito pelo contrário, a moderna “filosofia” é muito mais limitada, menos ambiciosa e com um horizonte mais estreito que qualquer pensamento clássico de uma sociedade tradicional, como iremos observando ao descrever a concepção africana do mundo e da existência” (INIESTA, 2010, p.11-12).

A contribuição de Angelo Priori é diferente. Foi o mentor da parceria que é realizada entre o Programa de Pós-Graduação em História da

Universidade Estadual de Maringá e o Departamento de História de América e África da Universidade de Barcelona, do qual Ferran Iniesta fazia parte até recentemente. Esta parceria tem sido muito produtiva, com intercâmbio de professores e estudantes entre as duas instituições. Nesta entrevista, Angelo Priori redigiu todas as notas explicativas que estão no rodapé e adequou as longas páginas degravadas da entrevista, no texto que ora se publica.

Para os pesquisadores e estudantes interessados em iniciar-se nos estudos africanos e na produção historiográfica de Ferran Iniesta, sugerimos começar pelo livro *Kuma: história de África*, que segundo o autor, foi uma concepção incentivada pelos seus alunos dos cursos de história da África da Universidade de Barcelona e é uma insubstituível introdução à história das sociedades africanas, com noções de interdisciplinaridades importantes, no campo da geografia tropical, da lingüística (basta observarmos a explicação do título da obra), da arte, da sociologia rural e urbana, da antropologia e da história cultural. Esta obra nos apresenta uma história africana para além de arremedos ou caricaturas do mundo africano, descortinando com competência a multiplicidade, diversidade e originalidade do mundo africano, com base em historiadores, principalmente, africanos. É de extrema utilidade para um professor de história da África ou estudantes. As bibliografias oferecidas após cada pequena secção temática ou aula nos dão as pistas por quais caminhos podemos aprofundar o conhecimento. Os cinco capítulos de *Kuma* percorrem os marcos históricos da história humana desde a pré-história até a década de 1990, com temáticas relativas as nações interculturais, as encruzilhadas dos Estados africanos na África Negra e as temáticas candentes das culturas africanas contemporâneas, tais como tradições e movimentos religiosos, fronteiras estatais, as construções nacionais e os regimes neo-autoritários (INIESTA, 2007).

Ferran Iniesta se aposentou da Universidade de Barcelona em julho de 2015, mas gostamos de pensar que sua trajetória como africanista continua aportando novas visões e conceitos enriquecedores para os estudos sobre a África. Sua aposentadoria não significa que não continue entusiasmado com novos e ousados projetos, como a construção de uma Universidade Internacional de estudos afro-descendentes em conjunto com um grupo de intelectuais colombianos. Temos certeza que a leitura da entrevista aportará uma ânsia no leitor de seguir os caminhos indicados por Ferran Iniesta, no sentido de buscar uma história cultural africana “onde os conceitos apontados nos ajudem a manter com maior força na África a magia do mundo, o reconhecimento do seu sentido e o de existência. (...) Uma teologia da proximidade” (INIESTA, 2010, p. 12). Desejamos uma boa leitura e aprendizado com as palavras deste inquieto historiador africanista.

Entrevistadores: Qual é sua formação e quais são as suas áreas de atuação?

Ferran Iniesta. Formalmente meu território é a história, mas precisava também da antropologia e de alguns conhecimentos filológicos para ampliar a minha formação... mal formação, mas formação na Universidade, antes de ser expulso das universidades espanholas.

Entrevistadores: Como foi sua decisão de estudar os povos africanos e a história cultural africana?

Ferran Iniesta. A razão foi simples. Eu estava refugiado na França, nos anos de 1974, 1975 e 1976. O comportamento da extrema esquerda a qual eu pertencia, deixou-me um pouco perplexo e finalmente eu quis comprovar se em outros lugares do mundo, particularmente na África, havia uns desenvolvimentos históricos diferentes... umas possibilidades diferentes das

ocidentais. Não gostava do poder, não gostava da oposição e achava que a direita e a esquerda, estavam muito perto em questões fundamentais, então sempre tive uma tendência pelo mundo luso em geral, português, brasileiro, mas também a África, por razões de filologia. A minha perplexidade perante a história ocidental era suficientemente grande para ir à procura de alternativas, se elas estivessem a existir. Eu não ia à procura, particularmente, de um mundo perfeito, como os hippies que foram para o Himalaia. Eu queria saber se existia no processo neolítico humano outras opções diferentes daquelas ocidentais dominantes dos últimos 500 anos. Na verdade, minha marcha para a África foi para buscar respostas menos drásticas e insatisfatórias que as respostas que o ocidente estava a dar. Então comecei a confrontar-me não só com a direita, coisa que tinha feito toda a minha vida, mas também com o modo e a maneira moderna de pensar e abordar a realidade, e por isto que me aproximei dos autores africanos.

Entrevistadores: Qual foi sua experiência na África e quais coisas aprendeu lá e que dificilmente poderia aprender nos livros?

Ferran Iniesta. A primeira vez que fui para a África foi logo após ter sido expulso da Universidade devido a minha militância contra o franquismo.¹ Eu entrei pela Argélia, fui para Niamey (Níger), indo depois para Bamako no Mali e, finalmente, Dakar no Senegal. Na época (1977) era muito fácil para conseguir um trabalho... aos 16 dias de estar em Senegal eu e a minha companheira pudemos nos alegrar com o luxo de dizer não a uma magnífica proposta do Ministério da Educação, para ensinar no ensino secundário na região interiorana do país, e aceitamos uma proposta da direção do ensino privado de Dakar que atendia a elite local, porque nos permitiria ficar em Dakar. Eu não

¹ Na Espanha, Ferran Iniesta foi considerado uma ameaça ao Estado ditatorial, sendo expulso das universidades que frequentou e por isto não pode terminar os estudos na Espanha franquista. [Todas as notas de rodapé foram elaboradas por Angelo Priori].

queria ir para o mato, não porque não gostasse da proposta do ministério, que era maravilhosa, mas não queria partir de Dakar. E eu precisava ficar em Dakar para falar, discutir e trabalhar com Cheikh Anta Diop.² A minha ideia fundamental era de trabalhar e discutir com Cheikh Anta Diop sobre as coisas e temáticas que estávamos de acordo e as coisas sobre quais não estávamos de acordo também. Fora de Dakar, este debate não seria possível, porque Cheikh Anta Diop estava a trabalhar no laboratório de rádio-carbono no IFAN (Instituto Fundamental da África Negra). (...) Foi lá que descobri que tudo que a gente aprende com os livros é bom, mas quando você faz uma imersão na realidade, ela se torna muito mais complexa, muito mais rica. A minha adaptação na África foi dura no primeiro ano, mas nos anos seguintes foi magnífica, não sabíamos porque, mas tínhamos tempo para ler, para estudar, para escrever e falar com os amigos, passar *weekends* sem tensões. Era outra maneira de viver, outro ritmo e sem perder a eficácia. Tardei um ano e meio para aceitar a ideia de um Egito antigo negro, porque eu estava de acordo com a falsificação feita pelo racismo moderno europeu, mas a negritude física era um fenômeno... que eu demorei a enxergar. Eu fui formado como todos os ocidentais (e acho que praticamente como todo o mundo nos últimos 200 anos) na ideia de que os egípcios antigos eram mediterrâneos. Eu sempre imaginei, até aquele momento, a Nefertiti bela, corada, em fim, uma mulher branca. Um dia eu descobri, finalmente, que havia uma evidência que o antigo Egito era negro. Passei a considerar isto de acordo não só em relação aos modelos políticos-organizativos da realeza divina, mas também no aspecto físico e nas

² Cheikh Anta Diop, historiador e antropólogo senegalês, estudou as origens da raça humana e a cultura africana pré-colonial. Em 1951 teve seu doutorado reprovado na Universidade de Paris, por defender a tese de que o Egito antigo tinha uma cultura negra. Após a reprovação, passou mais nove anos colhendo evidências para sustentar sua tese. Foi aprovado, finalmente, em 1960. Por esta tese foi considerado um dos maiores historiadores africanos do século XX. Nasceu em 1923 e faleceu em 1986. Foi enterrado na sua aldeia natal, Caytou, Senegal. Após a sua morte, como homenagem, a Universidade de Dakar recebeu o seu nome (ANTA DIOP, 21 out. 2015).

diferenças fenópticas com as variantes que podem haver entre os brancos, como entre um espanhol e um sueco. Foi simplesmente saindo de casa para ir pegar o ônibus para o centro da cidade de Dakar, que passei a observar as pessoas ao meu redor, a forma como andavam, como movimentavam seus corpos e davam ritmo aos seus deslocamentos. Eu vi nos braços, nas pernas, no perfil, na maneira mesmo de encadearem seus movimentos e nas posturas corporais das pessoas, um reflexo de imagens que pareciam escapar de um afresco egípcio antigo. Por isso, mesmo que pareça difícil para uma pessoa mudar de opinião, quando já formado como adulto, ao redor dos 20 anos, que normalmente tem uma convicção clara, simples e profunda, mesmo que não esteja bem argumentada. Mesmo parecendo difícil que estas mudanças de visão de mundo possam ocorrer numa pessoa, acho que minha história de vida teve uma grande mudança quando fui morar na África. Minha chance foi como a do apóstolo Paulo no caminho de Damasco, quando caiu de um pequeno animal.³ Eu fui impactado pela realidade que me cercava, isto é, um conhecimento de vivência, não de investigação. A investigação nos permite fazer aproximações, mas a vivência é o contato direto. Penso que na vida temos, afortunadamente, poucos momentos de transcendência ou vidência, ou seja... transcendência da celeridade do cotidiano para compreender o tempo e o espaço a partir do contexto africano.

Entrevistadores: Quantos anos o senhor ficou na África e em que períodos?

Ferran Iniesta. Estive na África em vários períodos distintos. Entre 1977 a 1980, estive mais concentrado em estudos e viagens do que propriamente trabalhando. Tive algumas atividades institucionais de ensino no período de

³ O apóstolo Paulo narra ao rei Agripa, da Judeia (41 a 44 d.C.), como foi a sua conversão ao cristianismo. Segundo Paulo, ele estava a caminho de Damasco, quando ao meio dia apareceu uma forte luz no céu, que o fez cair por terra. A aparição era de Jesus Cristo, que fez-lhe abrir os olhos e ver luz onde havia trevas e Deus onde havia o Satanás (ATOS, cap. 26, vers. 12-18).

1977 a 1980. Trabalhei em escola secundária, no ensino privado, e depois trabalhei na Universidade, por curtos períodos. Mas o meu problema com a Universidade era que eu não tinha um título de graduação, porque tinha sido expulso de todas as universidades espanholas. Devido a minha militância contra o franquismo, depois de identificada pelo Estado, tornou impossível a minha permanência e integridade física na Espanha e em países como a França, onde o Estado espanhol procurou me perseguir também. Terminei meus estudos universitários quando estava vivendo na África. Mais tarde fui para Madagascar, entre os anos 1982 a 1985, depois de um período de dois anos que passei em Barcelona com minha companheira, mãe do meu filho. Eu não tinha nenhuma intenção de voltar para o Norte [Europa], mas como diz o provérbio: “é Deus que dispõe”. Voltei porque meu pai estava morrendo, sou filho único e sempre estive em conflito com meu pai, mas este era o momento de voltar e foi bom. Ele teve uma luta longa e dura contra o câncer. Então, nestes dois anos em Barcelona, com minha companheira, decidimos ter um filho. Neste período ela fez uma segunda especialização, ela é historiadora, mas fez uma especialização em helenismo clássico. Trabalhávamos juntos os textos gregos, que julgávamos mal traduzidos pelos racistas ocidentais, pois ela era uma boa conhecedora do helenismo. O período de acompanhamento da doença do meu pai foi mais breve do que esperávamos, e aí fomos para Madagascar. Nesse momento resolvi que se eu quisesse ser um bom especialista em questões africanas, necessariamente deveria ter um conhecimento direto de convivência com a maioria das culturas africanas. Não poderia me limitar às culturas do oeste africano [África ocidental], que eram as que eu conhecia melhor. Eu considerava estas culturas como minhas próprias, como as do complexo Senegal-Níger, como as do Mali, da Guiné ou de Burkina Faso. Mas era preciso ir ao outro lado. Os especialistas da África Ocidental que me formaram em estudos africanos, mas também depois na França ou em Madagascar, como

Jean Devisse⁴, todos tinham certo preconceito ou descaso, não evidente, sobre as culturas da África Oriental. Então, me coloquei como obrigação me debater com o problema do Oeste africano. Assim sendo, a minha vida em Madagascar foi muito interessante e por isso minha tese de doutoramento foi justamente sobre a questão do Canal de Moçambique entre 1498 e 1515. Assunto que retomei na obra que publiquei mais tarde, no ano 1993, com o nome de *Bajo la cruz del sur. Religión, comercio y guerra en el Canal de Mozambique (900-1700 d. C.)*. O livro compreendia um período muito mais extenso para permitir aos leitores do mundo hispânico ter uma visão um pouco coerente do passado, entre o ano 900, aproximadamente, e o ano de 1700.

Em Madagascar estávamos com o nosso filho pequeno e os nossos salários eram salários africanos, muito diferente dos salários ocidentais. Quando colegas visitavam a Universidade interrogavam-nos sobre a nossa facilidade para sermos aceitos e convidados para as casas dos africanos, que pareciam para eles gente fechada a qualquer aproximação, a nossa resposta era sempre a mesma: “os africanos agem assim com vocês, não por serem gente fechada. O único problema é que vossos salários são uma provocação, não numérica, mas simplesmente vocês vivem numas casas diferentes, em uns bairros abastados, vocês estão em outra órbita. Então mesmo tendo simpatia por vocês eles não vão convidá-los para ir para suas casas, pequeninas, simples, etc. E nós como não temos dinheiro e vivemos como eles é fácil sermos convidados”. Certamente uma minoria dos visitantes que nós vimos em ação, no Senegal ou Madagascar, era gente de qualidade, em alguns casos, estabeleceram amizade com alguns dos nossos amigos africanos, mas isso não era a norma, era excepcional. Nós aceitamos durante um período breve, um ano e meio talvez,

⁴ Jean Devisse (1923-1996), historiador francês, trabalhou na Universidade de Paris 8 – Vincennes-Saint Denis. Era especialista nos estudos sobre a Alta Idade Média europeia. No entanto, em 1958, fez importante mudança na sua carreira profissional, passando a pesquisar e estudar o continente negro africano (REDON, 1996, p. 5-6).

em Senegal, os convites neocoloniais para ir aos encontros dos europeus. Eram interessantíssimos antropologicamente, porque geralmente podíamos descobrir que era gente muito inteligente, bem preparada, não eram pessoas mal intencionadas, mas como era possível ter tanta inteligência reunida e tão estupidamente perdida? Nós entramos nesse âmbito mesmo sendo conscientes que em caso de desgraça pessoal, no caso da nossa família, toda a comunidade neocolonial nos teria dado seu apoio imediato. Mesmo sem dinheiro sabíamos que estando gravemente doentes os europeus iriam nos colocar num avião para que pudéssemos voltar para casa. Por isso, foi interessante uma discussão minha, engraçada, com uma pequena vendedora do mercado central de Antananarivo⁵... eu levava dois anos em Madagascar, o meu malgaxe nunca foi bom, mas para uma negociação posso dizer que era bom sim... eu estava dizendo à vendedora que não era possível que os tomates tivessem esse preço tão caro. Disse a ela: “estas a pedir-me um preço louco! eu não sou um branco rico, sou um branco pobre!” E a vendedora sorriu e disse: “isto não existe”. Naquele dia percebi toda a dimensão da hegemonia. Disse a mim mesmo “tu és hegemônico, mesmo que tu não gostes disso.”

Entrevistadores: A historiografia africana desenvolveu uma metodologia de trabalho diferente da ocidental ou podemos considerar que os preceitos metodológicos são próximos?

Ferran Iniesta. Uma vez o meu cunhado (irmão da minha companheira) me perguntou porque nós não íamos para Estados Unidos trabalhar numa boa Universidade onde poderíamos também fazer os estudos africanos. Minha resposta foi simples: “primeiro teríamos muitas dificuldades econômicas, mas segundo e mais importante: eu não quero que os brancos me expliquem como fazem para viver os negros, quero ficar com os negros sim!” (...) Mas a

⁵ Antananarivo é a capital de Madagascar.

diferença de qualidade que existe entre gente como Jean Devisse e Cheikh Anta Diop... os dois foram meus mestres, os melhores, completamente diferentes, mesmo fisicamente. O Devisse era tão branco que era praticamente vermelho e pequeno; o Cheikh Anta Diop era gigantesco. Cheikh Anta Diop era apaixonado, o Devisse estava sempre se auto-controlando, comedido. Do Devisse aprendi o rigor dos historiadores, mas do Cheikh Anta Diop a genialidade intuitiva de conectar umas coisas com outras. (...) A historiografia ocidental sobre a África não apresenta erros sobre os fatos, quando apresenta são poucos os erros... os autores africanos apresentam muitos erros de fatos e de emprego de métodos. Do ponto de vista acadêmico, eles não tiveram gerações e gerações de pesquisadores para lhes dar instrumentalizações, nem contam com bibliotecas nas casas particulares ou com boas bibliotecas coletivas. Então, o que erroneamente podemos chamar um método ou tradição historiográfica [as Escolas Históricas], os autores africanos muitas vezes não tem, mas na realidade não é um método o que falta. É mais o que nós chamamos de pesquisa, através de um procedimento com rigor de análise à disposição, mas isso não é um método. O método, no sentido da palavra grega *Methodos*, é aquele que quando está a deslocar-se de A para B, não se mantém na descrição, mas é o próprio estilo que caracteriza a profundidade e a cultura do autor; e se o seu método é bom, não terá nunca o sentimento de artificialidade e de impressão que está a dançar... como diria Nietzsche... por cima da corda bamba no abismo, quando na verdade está dançando com um propósito, indo de A para B. Isto é um método e há poucos autores com método, porque há poucos autores que tenham um conhecimento íntimo da evidência com a realidade que trabalham. A maioria dos autores são zumbis, são mortos vivos... que escrevem as coisas de maneira fria e distante, nunca entraram nelas, nem as coisas entram neles. (...) Eu não sou um bom autor do ponto de vista do método, mal concebido e cartesianamente estabelecido. (...) Então, o maior

valor de Sartre era sua vivência interior, o melhor Sartre não é o do autor de “A Náusea”. O melhor Sartre é o dos pequenos roteiros para o cinema, ensimesmado, tecendo o enorme drama dos indivíduos.

Entrevistadores: A produção historiográfica africana é mais crítica e abrangente que a produção historiográfica ocidental?

Ferran Iniesta. Eu sou filho das escolas teóricas, particularmente francesas e desafortunadamente parisienses... então, conheço bem toda esta gente, mesmo pessoalmente, às vezes tenho uma boa relação pessoal com gente com a qual estou em discrepância. Não tenho uma boa relação com Jean Pierre Chrétien nem com Jean Copans.⁶ Por outro lado, tenho boa relação com o Elikia M'Bokolo.⁷ Porque é negro, mas é um negro que assimilou elementos conceituais eurocêntricos. Me explico: M'Bokolo tem uma maneira de explicar a História africana pelo viés como ela é feita no exterior. É que ele a explica com a concepção da antropologia política francesa, particularmente a parisiense. E para esta concepção, o problema da África são as invenções imaginárias, a religião e a etnia. É uma visão muito materialista. Falta-lhe uma visão mais cultural. Para ele, etnia e religiões seriam os dois pilares da desgraça. Eu estou me confrontando com isso a mais de 40 anos. Se a providência me der mais 10 anos, ainda será o momento para que eu possa ver a derrocada final do desconstrutivismo, do estruturalismo e de todas estas correntes materialistas estúpidas e externas que dominam o mercado da

⁶ Jean Pierre Chrétien é historiador francês, especialista em História da África da região dos Grandes Lagos (África Oriental). Fundou o Centro de Estudos dos Mundos Africanos (CEMAf) junto à Universidade de Paris I. Jean Copans, professor emérito da Universidade de Paris Descartes, era membro do Centro de Estudos Africanos (CEAF) da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS).

⁷ Elikia M'Bokolo é um historiador congolês, especialista em história social, política e intelectual da África. Foi diretor do Centro de Estudos Africanos (CEAF) – atualmente Instituto dos Mundos Africanos (IMAF) - da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS). O seu livro *África Negra* foi publicado no Brasil pela editora da UFBA (M'BOKOLO, 2009; 2011).

historiografia. (...) A primeira equipe que eu formei aqui em Barcelona, com uma equipe de Bordeaux, na França, éramos 6 e 6, isto é, seis pesquisadores catalães e outros seis franceses. Trabalhamos entre os anos 1990 a 1995. No ano de 1995 publicamos *Etnia i nació: els mons africans* (com textos de Alfred Bosch, David Alcoy, Véronique Faure e Michel Cahen). Para esses autores, a obra buscava criticar o pensamento desconstrutivista do africanismo europeu e negar que a temática da identidade étnica seria uma criação perversa do colonialismo. Há textos muito interessantes, três dos textos, penso, talvez um pouco desconstrutivistas, mas a obra em geral não. O Michel Cahen fez uma virada espetacular, de posições desconstrutivistas para posições que podemos chamar de construtivistas. Esta posição ficou mais clara depois quando ele publicou *Etnicidade política* que é um trabalho não jacobino, não centralista e não antiétnico.⁸ Mas o melhor texto é do Christian Coulon, que fez um exercício de estilo surpreendente... o ataque magistral, mais bem feito, que eu conheço contra a antropologia política francesa: *l'etnia desqualificada: universalisme française i ciències socials*.⁹ Ele escreveu isso em língua occitana¹⁰, natural do sul da França... o melhor texto dele penso (...). Eu também tive que elaborar a mesma crítica à antropologia política francesa, aqui mesmo em Barcelona, com a nossa gente. Mas também entre os antropólogos franceses está Pierre Clastres, que era um homem revoltado, não aceitava a hegemonia estrutural - a marxista ou a desconstrutivista -, e externou suas reflexões de forma brilhante ao escrever “A sociedade selvagem” [A sociedade contra o Estado] onde foi capaz de abordar as coisas de uma maneira inteiramente diferente, mas foi expulso da França praticamente (...). E ainda agora, os

⁸ Michel Cahen é historiador, pesquisador do CNRS e da Universidade de Bordeaux, França. É especialista em história da África colonial portuguesa. O livro a que se refere Ferran Iniesta foi publicado em 1994 (CAHEN, 1994).

⁹ O texto está inserido no livro organizado por Iniesta e Coulon (1995).

¹⁰ A língua occitana, cuja origem é românica, é falada na região do Languedoc (sul da França) e em alguns vales dos Alpes italianos, bem como no vale de Arán, na província de Lérida, Espanha.

desconstrutivistas, gente com a qual aprendi muito, como Emmanuel Terrier... eu perguntei um dia para ele: “Emanuel, como você pode empregar tua beleza para cuspir sobre o túmulo do Pierre Clastres?” Bruno Étienne, sem dúvida é um outro homem de vivências, não se fixou no pensamento politicamente correto da academia francesa.¹¹ Não é estranho que Bruno Étienne seja de Marselha e Pierre Clastres acho que é de Clermond-Ferrand ou mais ao sul¹², e o Christian Coulon é da Aquitania, Bordeaux. Então, penso que não é possível encarcerar ou anular a genialidade de uma pessoa, mas as doutrinas que a comprime podem danificar seriamente os resultados. O problema dos autores africanos é que uma 4/5 parte deles seguem a rota traçadas pelos mestres europeus. Então não deve existir uma confiança ingênua de que um autor africano vai resolver uma problemática, não necessariamente, porque a maioria são formados nas universidades europeias e seguem essas rotas. Houve uma melhora sensível no final dos anos 1990 e ao longo dos anos 2000 até agora, mas penso que isso é muito mais pelo fiasco das posições estruturalistas, desconstrutivistas, frias, distantes... que tentam analisar a África como um estado atrasado em relação a própria Europa, que falam constantemente de desenvolvimento, evidentemente econômico, porque não concebem outro olhar... isso explica a relativa fraqueza dos estudos feitos por africanos, com a exceção do grupo de tradicionalista que nasceu a partir do ano 1997-1998. Mas o barulho que faziam sobre a guerra do Congo, depois dos massacres de Ruanda e tudo mais, não permitiam perceber que o fracasso espetacular das soluções socializantes, das soluções liberalizantes, das soluções de todo tipo, que

¹¹ Pierre Clastres (1934-1977), antropólogo francês, foi professor da Universidade de Paris e Diretor de Pesquisa do CNRS. Morreu prematuramente em um acidente de carro. Bruno Étienne (1937-2009), sociólogo e cientista político francês, foi pesquisador do CNRS, Paris e professor das Universidades da Argélia e de Casablanca, entre outras. Era especialista em história da Argélia, do Islã e de Antropologia religiosa.

¹² Pierre Clastres nasceu em Paris.

tinham se praticado durante as independências africanas, não levava a lugar nenhum. (...) Acho que os autores tradicionais africanos¹³, seja no âmbito da antropologia, seja no âmbito de História, são muito imperfeitos nisso que erroneamente chama-se método, mas tem uns conhecimentos diretos poderosíssimos e tem uma força de proposta importante. As 4/5 partes que seguem fazendo imitação dos mestres do norte europeu não tem nada a oferecer... bom, tem quantificações e estatísticas... duvidosas. (...) Os Estados Unidos, como toda a antropologia inglesa, são muito mais construtivistas, são muito mais concisos e muito mais eficazes nos resultados das suas análises. Eles estão menos presos pela camisa de força das escolas teóricas, têm muito mais liberdade, entre outras coisas, porque é um aspecto aproveitável, nesse caso, da modernidade furiosa dos anglo-saxões, a qual toda inovação deve ser celebrada. Então, contra a maneira velhinha de fazer da academia europeia continental, ver o que está acontecendo em Londres, Harvard e em outros lugares, pode ser inovador, principalmente para atacar as teorias dos predecessores. Deste ponto de vista, tenho muita mais proximidade, desde os anos 1990, com antropólogos como Suzanne Miers e Igor Kopytoff, que com autores europeus.¹⁴

Entrevistadores: Onde estão as melhores fontes para pesquisar a História da África?

Ferran Iniesta. O melhor centro de documentação do mundo, acho, é o SOAS - *School of Oriental and African Studies*, de Londres. Talvez a segunda capital fosse Paris, mas com a documentação mais dispersa. O *Centre d'études africaines*

¹³ A reflexão de Iniesta sobre “o pensamento tradicional africano” encontra-se no livro do mesmo nome (INIESTA, 2010). Esta ideia também foi desenvolvida numa entrevista concedida a Albert Farré Ventura (30 abr. 2011).

¹⁴ Suzzane Miers, historiadora, professora aposentada da Universidade de Ohio. Igor Kopytoff (1930-2013), antropólogo, foi professor da Universidade da Pennsylvania. Publicaram juntos *Slavery in Africa: Historical and Anthropological Perspectives* (1977).

onde ficava Jean Devisse em Paris I.¹⁵ Também há documentação no *Musée de l'homme*. Para a questão Islâmica, Aix-en-Provence, Marselha, mas também Bordeaux, com o antigo CEAN (Centro de Estudos da África Negra). Mas o melhor lugar é o SOAS em Londres.¹⁶ Depois teríamos Lisboa, também de forma dispersa: da Biblioteca Nacional para uma documentação, do Arquivo Histórico Ultramarino para outra, da Biblioteca de Judá para os séculos XVII e XVIII; e para questões que vão até os séculos XVI, XVII, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que agora fica no Campus da Universidade de Lisboa. Estes seriam, no meu entender, os três melhores lugares para mandar alguém fazer pesquisa sobre História da África, mesmo para períodos anteriores à época moderna. Lisboa e Paris não têm muitos documentos sobre as regiões africanas da área de influência inglesa, e o SOAS não tem trabalhos da área portuguesa ou francesa. Conseqüentemente, o bom investigador, africano ou latino americano, num momento ou outro, deve fazer a viagem para o norte [Europa], porque os arquivos ficam lá. Eu trabalhei em arquivos em Dakar (Senegal), em Antananarivo (Madagascar) e em Maputo (Moçambique). Existem arquivos, mas geralmente são arquivos que tem uma longevidade pequena, no melhor dos casos, 150 ou 200 anos. Muitos dos documentos são cópias dos originais que se encontram na Europa, ou às vezes, são os originais e as cópias estão na Europa. A situação não é tão má como os museus, porque os museus africanos não têm praticamente nada, têm pouca coisa, porque as condições de conservação são péssimas. A situação não é tão catastrófica para os arquivos na África. Existem arquivos como o do Instituto Fundamental da

¹⁵ Jean Devisse trabalhava em Paris 8, conforme nota 4. A partir de 02 de janeiro de 2014, o Centro de Estudos Africanos (CEAF) e o Centro de História Social do Islã Mediterrâneo (CHSIM), vinculados à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS); e o Centro de Estudos dos Mundos Africanos (CEMAf) da Universidade de Paris I se uniram e formaram um único instituto, o *L'Institut des Mondes Africains* (IMAf), tutelado por 6 instituições, entre elas o CNRS, a EHESS e a Universidade de Paris I. Para essas informações ver: www.ceaf.ehess.fr

¹⁶ SOAS, University of London, é uma antiga Escola de Estudos Orientais, que em 2016 completará 100 anos. Dedicada-se, atualmente, aos Estudos sobre África, Ásia e Oriente Médio. Para mais informações: www.soas.ac.uk.

África Negra (IFAN) em Dakar¹⁷, que é bom, mas têm dificuldades, pois os dias que o vento do deserto está sopando sobre a savana, trabalhar no arquivo do IFAN é complicado, porque o pó entra por todas as partes. Em Madagascar eu aprendi muito, pois ali se tem uma experiência afro-asiática, com muitos elementos asiáticos em jogo, onde a educação exige nunca dizer não a alguma coisa que você está a propor, pois eles esperam da sua inteligência que você perceba quando realmente estão de acordo e quando não. Isso é uma riqueza extrema. Se os programas de pesquisa tivessem os meios, deveriam enviar para África estudantes europeus, norte americanos e latino americanos, para que eles pudessem conhecer o terreno, a região, a cultural local, porque aprenderiam muito, mesmo que inconscientemente. E tem o outro lado, o estudante negro africano, o latino americano, e mesmo o espanhol, num momento dos seus projetos, deveriam ter um pouco de ajuda para que pudessem ir para Lisboa, Paris, Londres etc.

Entrevistadores: Como foi construído o conceito de *Fanga* do seu livro “El planeta negro”?

Ferran Iniesta. Quando eu escrevi esse livro *El planeta negro: Aproximación histórica a las culturas africanas*, empreguei uma estrutura inabitual para mim, não cronológica. Abordei sujeitos diversos das sociedades africanas. Eu não era um grande especialista, pois o livro eu fiz entre o ano de 1989 e o ano de 1991. Eu discuti sobre o sentido de dependência, o sentido da união com a totalidade, mas nessa estrutura não aparecia mais que indiretamente a questão da *fanga*. 20 anos depois, em *El pensamiento tradicional africano*, foi onde o conceito de *fanga* ganhou uma importância relevante, porque não era um simples aspecto menor da hierarquia tradicional e da dependência. A *fanga* é a desmesura. Ao longo de quase 400 anos de tráfico de escravos, foi a

¹⁷ Para maiores informações sobre o IFAN da Universidade Chick Anta Diop (UCAD), consultar o site: www.ifan.ucad.sn

desmesura entronizada, foi a desmesura feita teoria e legalizada. As desmesuras do ocidente moderno dos últimos 500 anos... praticamente todas as culturas tem tido essas desmesuras, na prática, não na teoria. Estou a explicar-me: nunca os povos que tiveram elites pragmáticas durante um determinado período teorizaram que o seu comportamento era o bom. Mas o problema é que, teoricamente, entre os séculos XIII até os XVII-XVIII existiu toda uma linha, desde a escolástica até o racionalismo, de entronização racionalizada do individualismo, da não solidariedade e da liquidação sistemática de toda a magia universal. O que para o ocidente tem sido a modernidade dos últimos 700, 500, 300 anos, para a África tem sido a *fanga*. (...) Nós não temos realizado socialmente um balanço sobre os 700 anos de modernidade. Não temos balanço, temos tentativas, pequenos estudos de grupos minoritários. Na realidade somos grupinhos de indivíduos que trabalhamos nas catacumbas. De algum modo a nossa crítica científica, mas também o nosso posicionamento pessoal, é de mostrar que a memória do ocidente, que a Europa não é só modernidade. Mas o ocidente não sabe outra coisa, é direita e esquerda, é ciência e matéria e mais nada. Essa é a realidade, mas os nosso pequenos grupos são operativos, aqui e em outras partes. Na África, o problema é que existem muitos grupos operacionais, no âmbito tradicional, islâmico, cristão, de tradição antiga, mas nenhum desses grupos e indivíduos assumem que a questão da escravidão ocorreu em grande escala e, conseqüentemente, da *fanga*, a inversão monstruosa da ordem das coisas na sociedade humana. Então a *fanga* é o individualismo mais brutal, não solidário, entronizado. O comportamento de um assassino, nos nossos países ou na África, não é *fanga*, pois isso é uma atitude individual que ocorre constantemente. Mas quando uma atitude se torna um comportamento regulado pelo poder e vai até a base da sociedade, então a sociedade está gravemente doente, e não há nenhum doente que possa se curar se não

aceitar sua doença. Isso traz tanta dor aos meus amigos que não querem assumir isto. Quando eles chegam no meu capítulo sobre *fanga*, o pulam. Mas o problema da África é a *fanga*, nem tanto o colonialismo, que também fez muito mal ao continente. O colonialismo agravou uma situação, mas não a criou. A situação foi criada precedentemente quando os europeus fizeram o comércio triangular, e eles foram beneficiados pelos abusos que estavam sendo cometidos do lado africano, o que permitiu a eles fazer outros abusos na América para finalmente se enriquecerem. O problema do mundo ocidental é a mentalidade moderna e o problema da África é a *fanga*. Não deveríamos surpreender-nos que mesmo os africanos tradicionais não gostem da abordagem sobre a questão da *fanga*, porque é aceitar que não foram só vítimas, mas também foram os vitimadores. Na modernidade é a mesma coisa. Só falamos dos aspectos favoráveis do individualismo, o espírito rebelde e todas estas questões. Mas o individualismo entronizado como sistema obsessivo faz muito mal! Guerras mundiais, etc. A *fanga* está presente na África como a modernidade está presente no ocidente, são duas vias...

Entrevistadores: A divisão entre a África negra e a África branca é conceitualmente funcional para pensar uma História da África crítica? Como pode haver a preservação da cultura tradicional, das hierarquias tradicionais, etc. no contexto da globalização?

Ferran Iniesta. O mais simples é a primeira questão. Eu estou a dizer rotundamente que sim, que existe uma diferença operacional entre uma investigação sobre a África negra e outra sobre a África branca. A África negra é uma realidade de conjunto, da mesma maneira que podemos falar de uma realidade europeia de conjunto, sem a necessidade de chegar aos “inventos” da União Europeia “merkeliana”¹⁸. Há uma Europa, mas

¹⁸ Referência à chanceler Angela Merkel, que é a chefe do governo da Alemanha desde 22 de novembro de 2005.

também há uma África, mas uma África negra. Quando no debate egípcio falamos que o antigo Egito era africano, estávamos falando de que era culturalmente negro africano. Os berberes¹⁹ e os árabes não são negros africanos. O norte da África é sua terra, estão enraizados historicamente, mas as estruturas dos seus pensamentos, suas maneiras de perceberem o mundo não é uma maneira africana, portanto, não é uma maneira negro-africana. Um negro tuaregue não é um africano, é um tuaregue.²⁰ Mesmo se vocês derem uma indumentária de túnicas negro-africanas a um tuaregue, mesmo na maneira de mover-se e de andar, um tuaregue não é um negro africano, é um pastor do deserto, não da savana. Então, quando eu faço História da África, às vezes, tenho trabalhado sobre as relações entre a gente do deserto e a gente da savana. Algumas vezes a gente da savana teve a hegemonia política e às vezes a gente do deserto. Eles são povos muito diferentes, por isso o conflito do Mali não tem solução possível nesse país, quando nômades se defrontam com o Estado pós-colonial. Os centros de estudos africanos, no mundo, não estudam a África do Norte, só a África negra. A África do Norte entra em outros âmbitos: povos do deserto, islã, árabe... então a separação é pertinente porque são duas órbitas. O desconstrutivismo extremo queria que não, mas se tivesse razão a pergunta seria: “porque fazemos uma História da África e não fazemos diretamente uma História mundial, esquecendo definitivamente as fantasias locais e regionais?” Eu vou ser direto: a separação da África negra da África branca faz sentido. Os brancos da África do sul são outra coisa, são sociedades africanas com uma mentalidade branca, mas não é África branca, eles fazem parte da História da África negra de maneira muito clara. Da mesma

¹⁹ Os Berberes são povos que vivem no norte da África, principalmente no Marrocos e na Argélia. Falam a língua camito-semítica, de origem afro-asiática.

²⁰ Os Tuaregues são um grupo nômade, de origem camita, que habitam o deserto do Saara, especialmente a parte central. Falam o tamaxeque, língua de origem berbere.

maneira que os colonialistas brancos, no Quênia ou na Senegâmbia²¹, durante a fase colonial formavam parte da História da África.

Como reconstruir a África numa situação de degradação global crescente em todos os sistemas humanos, como tem ocorrido com a modernidade dos últimos dois séculos? É como os povos e as nações. No nobre sentido antigo, quando uma nação é velha deve preparar-se para morrer dignamente. Em consequência, uma nação velhinha como a minha, a catalã, pode ter momentos de dignidade e agora é um momento de dignidade para minha gente, mas pode ser que estejamos morrendo. Talvez em 50 ou 100 anos a nossa língua terá desaparecido e, sobretudo, a mentalidade será muito distinta. Mas há uma percepção tradicional das coisas e sabemos que nascemos, crescemos, reproduzimos e morremos. Isso deve ser feito com a máxima dignidade possível. Então a dignidade da África exige uma recomposição, até os limites do possível, historicamente, das suas tradições; uma regeneração do tecido político; uma melhora sensível do clientelismo... não de desaparecimento, isso é demagogia! Pois desapareceu o clientelismo no ocidente? Não! Está lá! Oculto e perverso. Devemos chamar as coisas pelo seu nome. Simplesmente deve se buscar limpar um pouco as instituições que ainda existem e funcionam, isso é reconstrução. Os meus amigos não são xeiques corruptos, não são *Kinbanguistas*²² corruptos, não são sacerdotes ou pastores corruptos. São pessoas honoráveis que amam sua terra e sua gente e continuam vivendo na África. São gente de muita qualidade e as populações que os cercam sabem disso. Para melhorar sensivelmente tudo isso seria necessário a

²¹ A Senegâmbia foi uma confederação formada entre Senegal e Gâmbia em 1982, com o objetivo de unir instituições comuns e fazer uma integração das Forças Armadas e de Segurança. A confederação foi dissolvida em 1989, por conflitos de interesses entre os dois países. Para um estudo da trajetória histórica e da ocupação dos espaços territoriais da Senegâmbia, remetemos ao texto de Ibrahima Thiaw (2012). Sobre a questão regional, indicamos o belo trabalho de Boubacar Barry (2000).

²² Os *Kinbanguistas* são os fiéis do Kimbanguismo, ou da Igreja de Jesus Cristo sobre a Terra. A igreja foi fundada pelo profeta Simon Kimbangu (1889-1951), no Congo e professa a fé cristã. Para mais informações, consultar: <http://www.kimbanguisme.net/>

compreensão da *fanga*. Porque a *fanga* não é uma questão para América ou Europa, é uma questão da África e para África. A modernidade é uma questão do mundo, sobretudo da Europa. A importância de preservar alguma coisa é a memória daquilo que é vital e essencial para os humanos. Disso a modernidade não sabe nada e não pode transmitir nada. O que nós vamos deixar aos humanos do próximo período não deve ser muito complicado, tem que ser simples, claro e intenso, essa é a tarefa. Pontualmente num lado será o combate político contra os excessos de uma ditadura, seja na África, seja na América Latina ou aqui na Espanha. Talvez seja a recuperação de certa dignidade, como seria a independência da Catalunha., mas essencialmente a tentativa de refundar o país. A Espanha também deveria se refundar, porque esta Espanha atual não vai a lugar nenhum... é uma vergonha. Eu não tenho nada contra Espanha nem contra os espanhóis, o meu pai era andaluz. Mas seria estupidez dizer que em geral estamos muito bem, não estamos nada bem!

Referências

- ANTA DIOP, Cheikh. *Page d'accueil / biographie*. Disponível em: <http://www.cheikhantadiop.net/>. Acesso: 21 out. 2015.
- ATOS DOS APÓSTOLOS. Discurso de São Paulo diante de Agripa. In: *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sivadi Editorial, s/d., p. 996-997.
- BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da história regional*. Amsterdã: Sefhis/International Institute of Social History; Rio de Janeiro: CEAA/Universidade Candido Mendes, 2000.
- CAHEN, Michel. *Ethnicité politique*. Pour une lecture réaliste de l'identité. Paris: L'Harmattan, 1994.
- COULON, Christian. L'etnia desqualificada: universalisme française i ciencias socials. In: INIESTA, Ferran; COULON, Christian. *Etnia i nació: els mons africans*. Barcelona: L'Avenç, 1995. Col·lecció clio, n. 12.
- INIESTA, Ferran. *Bajo la cruz del sur: religión, comercio y guerra en el canal de Mozambique (900 a 1700 d. C.)*. Barcelona: Sendai ediciones, 1993.

INIESTA, Ferran. *El Pensamiento tradicional africano*. Regreso al planeta negro. Barcelona: Casa África, 2010.

INIESTA, Ferran. *El planeta negro: Aproximación histórica a las culturas africanas*. Madrid: Catarata, 2001.

INIESTA, Ferran. *Kuma: historia de África*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2007.

INIESTA, Ferran; COULON, Christian. *Etnia i nació: els mons africans*. Barcelona: L'Avenç, 1995. Col·lecció clío, n. 12.

KOPYTOFF, Igor; MIERS, Susan. *Slavery in Africa: Historical and Anthropological Perspectives*. Madison: University of Wisconsin Press, 1977.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações* (tomo I – até o século XVIII). Salvador: Ed. UFBA, 2009.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações* (tomo II – do século XIX aos nossos dias). Salvador: Ed. UFBA, 2011.

REDON, Odile. À Jean Devisse. *Médiévales*, Paris, n. 31, p. 5-6, aut. 1996.

THIAW, Ibrahima. História, cultura material e construções identitárias na Senegâmbia. *Afro-Ásia* [online]. Salvador, n. 45, p. 9-24, 2012.

VENTURA, Albert Farré. *O pensamento tradicional africano, entrevista a Ferran Iniesta*. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/o-pensamento-tradicional-africano-entrevista-a-ferran-iniesta>. Colocado em linha em: 30 abr. 2011. Acesso: 21 out. 2015.

